

Santa Teresa, enfermeira espiritual

À memória de D. Carolina de Oliveira Queiroga — que ao autor ensinou o caminho para o novo altar da Santa.

Pela primeira vez, assisti eu a um acto de culto público em honra de Santa Teresinha, no dia em que a sua imagem foi erguida num altar dos Jerónimos, a menos de um ano da beatificação.

Se bem me lembro, era um domingo áspero de inverno, com aguaceiros de tormenta, que confundiam céus e terra na mesma cerração.

Para o Templo das Navegações, incessantemente corriam flores e muitas almas de crianças em flor, sob largas cordas de chuva, na inclemência da manhã.

Mas, insistentemente, um fulgor festivo emanava do alvoroço primaveril das almas, como se a tantos olhares de ansiedade houvessem segredado a promessa de uma

revelação celeste, durante aquela hora de pompas litúrgicas.

A imagem da Santa começou a alevantar-se de uma onda de flores, quando o sol inesperadamente veio dissolver as penumbras da nave, aos gritos de júbilo de uma luz perfumada que foi ampliando em toda a sua glória de pedra, a abóbada do transepto.

Mais largamente e com inquietação maior, a multidão de gente ali trazida por secreta esperança, ondeava na maré-cheia da exaltação.

A voz ardente de um prægador que se constituira, em boa hora, evangelista do culto novo, proclamava à vastidão do tempo as virtudes e a vida prodigiosa da Santa Carmelita, desde a infância ao cláustro, do cláustro ao túmulo e daqui à exaltação da Igreja.

A história da beatificação era uma acção de graças a Deus que se dignara criar no vale dos lírios do Carmelo mais um lírio escolhido. Diante daquela imagem em que se perpetuavam as formas efémeras, mas verdadeiras, de uma Donzela de vinte e quatro anos, que os nossos olhos poderiam ter encontrado em vida, todos ali sentiam a comoção de ver levantar-se uma nova fonte de graças, nos áridos caminhos deste mundo.

A Santa que naquele templo, pela primeira vez subia ao altar, visível trono da sua glória de Bem-aventurada, rendeu por misterioso império as almas frias e

errantes, consolou a fé dos seus devotos, — e todos ali se esqueceram de rezar, enquanto pelas lágrimas dos olhos muitos corações choravam de tristeza, de alegria e de arrependimento...

★

Na vida e na morte desta Santa Donzela perturba a frieza dos incrédulos e afervora a devoção dos crentes, a ausência de imperfeições, aquelas sombras do barro de Adão que sempre se projectam no cristal das almas mais puras.

Ainda neste mundo, já o seu corpo parece um corpo glorioso; em todas as faces da alma, desde a infância, se lhe revela uma claridade sideral, radiação da própria virtude da Pureza que à Terra descesse, por desígnio divino, para redimir a tôrva saturnal do seu tempo.

Como anjo do céu que se corporizasse, para erguer por sua mão os corações queimados pela aridez do Racionalismo, Ela foi a redentora da nossa idade, oferecendo-se à provação do exílio terreno em constante exemplo de fé e de amor, por uma existência breve, mas sempre atormentada do desejo de morrer, para melhor viver com Deus. O seu ardor de apostolado místico, os milagres nesta vida e na luz da Bem-aventurança, foram libertando pelo resgate no amor de Deus, muitas almas que eram escravas. Noutras, aos milhares,

SANTA TERESA, ENFERMEIRA ESPIRITUAL

reacendeu clarões de esperança, para inundar do contentamento da vida a face do mundo e justificar o júbilo do Padre Santo Pio X, quando a proclamou a maior Santa dos tempos modernos.

Bem depressa, o domínio espiritual de Sorôr Teresinha alastrou por sobre os povos e as raças, erguendo-se o seu vulto juvenil no plano espiritual da existência, como alvorada de esperanças seguras, a iluminar inteligências, a converter vontades, a dulcificar corações duros.

Não proveio o seu prestígio da sugestão poética dos fólhos da *Legenda Áurea*; a Santa não tem lenda, ou, para a tornar realidade viva, usurpou-lhá a história, a *História de uma alma*, por Ela própria humildemente contada.

De ontem é a sua vida, tão concreta e real na expressão terrena, como a nossa e a dos nossos coevos.

Os dias lhe correram no anseio da libertadora morte, para além da qual mais amplamente se dilatava o império da sua acção terrestre, conforme as inspiradas palavras que deixou: *Se sou feliz em morrer, é porque no Céu serei mais útil às almas do que neste mundo.*

Sorôr Teresinha, passando na terra sem rumor e aceitando a primeira morte no Carmelo, aos quinze anos, para se avizinhar mais da vida eleita, surge à admiração e ao encanto da nossa época como a missio-

LEMBRANÇAS E REFLEXÕES

nária de um dos mais fecundos renascimentos espirituais de todos os séculos.

Regressando em plena juventude ao seio de Deus, a doce Consoladora da tristeza contemporânea não quis retardar a benemerência de espalhar em bênçãos sobre o mundo, as rosas que enfloraram a sua cruz de penitente sem pecados.

Em tão grande deserto de almas, pelos recessos amargos da descrença ou do cepticismo, consolemo-nos com a certeza de que o seu resplendor de Santa para muitos já foi luminosa aurora de ressurreição espiritual.

Os prodígios da sua vida humilde de amor, de fé e de oração, as intercessões salutarees em quantos supplicantes a invocam, — já ninguém ousa confundirlos com mistérios de neuropatia, por eloquente mistificação de aparato científico.

Ler ou ouvir contar a sua vida é sentir a irradiação invencível de uma perfeição sem sombras nem contrastes, exemplo de santidade gratuita que predestinou uma criança para a glória maior das almas, aquela glória inexcedível, em que mais se reflecte e alegra o próprio Deus-Criador.

FEVEREIRO DE 1930.